Vivências musicais de um ouvinte com a comunidade surda na ótica da psicologia histórico-cultural

Comunicação

GTE 12 -

Ensino de música, inclusão e anticapacitismo

Ewerthon Lucas de Oliveira Lima Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
ewerthon.lucas@gmail.com

Resumo: Neste trabalho, relato os percursos que trilhei enquanto aluno da licenciatura em Música, a partir de vivências estabelecidas com a comunidade surda ao final da minha graduação que foram fundamentais para problematização de minha pesquisa de Mestrado, posicionando-me como uma pessoa ouvinte em contato direto com pessoas surdas. Ao longo da escrita, busco fundamentar essas experiências à luz dos pressupostos da defectologia, orientados pela perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural (Vigotski, 2021). Com base em duas experiências realizadas em espaços não formais, proponho refletir sobre diferentes formas de expressão da musicalidade (Pederiva, 2009), tomando como ponto de partida a potência dos sujeitos surdos em contraposição às concepções estigmatizantes e patologizantes ainda presentes no campo educacional. Dessa forma, pretendo com este trabalho contribuir para a construção de um olhar mais amplo e inclusivo na educação musical, que reconheça e valorize a diversidade a partir da potencialidade.

Palavras-chave: educação inclusiva, psicologia histórico-cultural, surdez

1. Considerações Iniciais

Neste texto, relato minha experiência enquanto estudante que fui da Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), tendo como pressuposto os caminhos que percorro enquanto pessoa ouvinte em contato com a comunidade surda. Refiro-me, sobretudo, às impressões vivenciadas durante o final da minha graduação na licenciatura em música, no ano de 2024, marcadas pela negação ou questionamento da vivência musical com pessoas surdas, tanto por parte de professores quanto de colegas. Essa experiência me viabilizou hoje como parte da problematização de minha pesquisa de

Mestrado, como temática no âmbito da minha investigação no Programa de Pós-Graduação da UFRN na linha de Processos e Dimensões da Formação em Música.

A partir dessa perspectiva, estruturei o texto com base nos pressupostos da defectologia, que orienta minha compreensão sobre o desenvolvimento humano à luz da Psicologia Histórico-Cultural (Vigotski, 2021). Com isso, passei a vivenciar novos horizontes de musicalidade (Pederiva, 2009) mediados pelo corpo e pelas práticas sociais, promovendo uma ressignificação pessoal sobre o que é ouvir e experienciar a música.

Além disso, apresento situações cotidianas em que pude observar a musicalidade presente entre os colegas surdos, reconhecendo, nessas vivências, formas plurais de experimentar o fazer musical criativo e potente das pessoas surdas nos diferentes espaços.

2. Psicologia Histórico-Cultural como eixo de compreensão

Em um espaço em que a música pudesse ser compreendida em suas diversas formas de atuação considerando as especificidades humana, o Encontro de Música e Inclusão da Escola de Música da UFRN me fez aproximar da Psicologia Histórico-Cultural através da exposição da Professora Drª Patrícia Pederiva como caminho para compreender uma educação musical que pudesse ser lida concomitante com a vida e no olhar da potencialidade do sujeito. Desse modo, me adentrei nesta literatura, principalmente ao que tange o escopo teórico que pudesse compreender o desenvolvimento musical em sua totalidade sem me ater a uma justaposição de que há seres mais desenvolvidos musicalmente do que outros. (Paula, 2022)

Para início dessa reflexão, Pederiva (2009) define que musicalidade seria a percepção e a produção de padrões, seja ele sonoro ou gestual como atividade que direciona o comportamento humano. Dessa forma, é compreender os fenômenos sonoros que se engendram em nosso corpo ao todo (para além do ouvido como meio exclusivo). A partir dessa perspectiva, passei a entender o desenvolvimento não como compensação da falta, mas como construção mediada pela cultura, pelas interações sociais e pelas experiências na promoção do que é potente. (Paula; Pederiva, 2023)

Essa concepção traz uma porta de possibilidades de considerar uma educação musical como meio possível em que as pessoas (sejam elas surdas ou não) de se expressar, criar e interpretar, caso seja requerido pelo indivíduo e que também possua a vivência, assim como destaca Vigotski (2021) ao considerar que as experiências moldam a nossa consciência em nosso comportamento, ou seja, se faz mais perceptiva e oportuna deste comportamento quando ele é praticado.

3. Experiência de escuta com a comunidade surda

Na Licenciatura em Música, fui bolsista do Programa Esperança Viva da Escola de Música da UFRN, este que me permitiu como espaço possível para pensar a diversidade sob um olhar a educação musical especial na perspectiva inclusiva (Azevedo, 2025), nesse caso, no contexto das deficiências. Esse lugar me fez criar conexões e interesses, partindo eu querer não só aprender as ferramentas culturais que fizesse possível a minha comunicação com a comunidade a partir da Língua de Sinais, mas também, compreender processos educativo-musicais que permeiam o ensino/aprendizagem, visto que das deficiências que integram o Programa, a surdez não estava presente. Em contrapartida, a Escola de Música da UFRN por ser um ambiente que tem um programa que promove o cotidiano naquele espaço com a diversidade, também era o mesmo lugar em que eu encontrava pessoas que refutavam e questionavam a música e a pessoa surda, principalmente quando nas rodas de conversa ou em aulas eu mencionava (Santos, 2024).

No entanto, meu cotidiano na universidade principalmente em minhas idas ao Restaurante Universitário e outros espaços comuns de aula, me fizeram ter a possibilidade de me aproximar com a comunidade surda, revelando um universo sonoro que, até então, era invisível. A construção de um vínculo afetivo com a comunidade, me fez ter os contatos para além dos muros da universidade que iam desde shows a rodas de conversa, em que quando a música estava presente no espaço, me fez mudar a forma de perceber a musicalidade tendo como base a minha experiência enquanto ouvinte.

Dessa forma, irei elencar dois momentos em que me ocorreram a fim de elucidar, de forma descritiva, algumas situações tanto na universidade, assim como fora dela.

3.1 Musicalidade cotidiana no espaço informal da universidade

O Restaurante Universitário (RU) da UFRN, espaço cotidiano de alimentação e socialização, foi um dos primeiros ambientes onde presenciei manifestações de musicalidade. Em um episódio em que chegamos a tratar sobre sons com o corpo, um colega, com surdez profunda, assobiou bem forte chamando não só minha atenção, mas também de outras pessoas à nossa volta. Nisso, indago-o como ele havia aprendido a executar tal som e ele me respondeu que foi assistindo a um vídeo no *YouTube*.

Desse modo, questionei se ele era capaz de perceber a intensidade sonora do assobio que produzia. Sua resposta evidenciou uma concepção ampliada de escuta: ele descreveu que sentia o som através das vibrações propagadas na boca e no corpo, além de perceber a eficácia da ação pelo retorno visual dos colegas ao se voltarem em sua direção. A motivação para aprender o assobio, segundo ele, emergiu da curiosidade e da vontade de reproduzir gestos sonoros comumente vistos em mídias televisivas, como novelas e filmes.

Essa experiência marcou profundamente minha percepção sobre a musicalidade desde a fala do interesse, assim como da forma que ele aprendeu. Nesse momento em que a minha concepção de musicalidade ainda estava enraizada na percepção auditiva (do ouvido), relatei a ele que eu mesmo sendo ouvinte, não sabia realizar tal ação. Hoje entendo que esse meu discurso toma um comparativo na qual ignoro outras formas de relacionar com o som, focando necessariamente no “problema”, e não na potencialidade.

Para Vigotski (2021, p. 36) “Consegue-se ensinar a fala oral aos surdos por meio da leitura labial, vinculando-se distintas ideias a uma série de movimentos. Em outros termos, ensina-se a ‘ouvir com os olhos’”. Ainda nesse pensamento, podemos trazê-lo comparativamente quando, meu colega que, por meio da Libras, expressões faciais e movimentos da boca, me explicava como posicionar a língua e controlar a emissão do som — revelando uma compreensão do som como prática corporal e que pode ser socialmente compartilhada. Mesmo sem o meu sucesso em aprender a assobiar, reconheci naquela vivência o poder educativo da interação e a musicalidade como fenômeno para além da fisiologia da audição, vivenciado pelo corpo e pelas trocas culturais.

3.2 Percepção de musicalidade em um evento cultural

Em um outro ambiente fora da universidade, lembro-me de um show ao qual fui acompanhado por colegas surdos, ocasião em que um deles expressou seu apreço pela dança, especialmente o forró. Nisso relatei minha dificuldade com tal prática, e prontamente um colega se dispôs a me ensinar.

Naquele dia, estávamos posicionados próximo ao alto-falante, dessa forma, ele me conduzia a percepção por meio da vibração sonora com o corpo, seguindo o pulso musical e orientando-me sobre os movimentos corporais adequados com o pé. Essa mediação ocorreu simultaneamente à fruição da música pelo ambiente, revelando uma musicalidade fundamentada na sensibilidade tátil. Outro aspecto que emergiu foi a tentativa constante de decodificar a letra das canções pela leitura labial do cantor, já que havia uma ausência de interpretação em Libras. Ele mencionou que esse fato é muito recorrente. A leitura labial, somada à observação das expressões faciais e corporais dos cantores, constituía-se como ferramenta na apreensão do conteúdo simbólico das canções (Pederiva et al., 2024), visto que ele também compreendia a língua portuguesa de forma oralizada.

Ademais, meu colega destacava que percebia uma relação entre a vibração sonora e o jogo visual da pirotecnia das luzes da apresentação, apontando para uma escuta sensorial ampliada, que envolvia tanto o tato quanto a visão.

Essa experiência resultou em um deslocamento significativo na minha própria fruição musical, permitindo-me reconhecer meu corpo como via de percepção sonora. Posteriormente, passei a perceber com mais atenção elementos que antes me eram desconsiderados, como o contato direto do corpo com o chão, a atenção aos feixes de luzes e à leitura labial, ampliando pontes de compreensão da música.

4. Considerações finais

Com as experiências, vivências e referenciais aqui relatados, percebo que a discussão sobre a musicalidade da pessoa surda é necessária, especialmente quando pensamos em

processos de ensino e aprendizagem que rompe com um pensamento hegemônico e excludente que perpassa na formação do educador. As vivências que aqui compartilhei me fizeram caminhar sobre a linha tênue entre os discursos que ainda insistem em reduzir a música a uma percepção auditiva e aqueles que reconhecem a musicalidade como uma expressão integral do corpo, da cultura e da relação com o outro. Esse caminho me colocou em contato direto com realidades que, até então, eram invisíveis para mim, possibilitando novas formas de escutar o som em suas múltiplas dimensões.

Na trajetória que percorri na graduação, e agora no mestrado, observo o quanto ainda é presente uma formação docente ancorada em práticas que desconsideram as especificidades humanas, muitas vezes reforçando estereótipos e práticas excludentes por meio de um currículo oculto. Vejo, no entanto, que é possível, através de um olhar sobre as potencialidades dos indivíduos, construir práticas pedagógicas mais dialógicas que compreendam a pessoa em sua completude, possibilitando a construção de experiências musicais significativas também para aqueles que a sociedade muitas vezes invisibiliza a partir de um atributo estigmatizante.

É com essa concepção que desejo caminhar enquanto educador musical e mestrando, compreendendo que minha atuação não deve se pautar em reproduzir modelos preestabelecidos, mas em construir, junto aos sujeitos, sejam eles surdos ou não, formas possíveis de vivenciar a musicalidade reconhecendo suas singularidades e compreendendo que cada encontro é único e potencialmente transformador.

Referências

AZEVEDO, João Baptista Rios. *Educação musical inclusiva*: as práticas pedagógicas e a formação dos professores de música. 2025. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades, Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2025.

PAULA, Tatiane Ribeiro Morais de. *A musicalidade da criança surda: educação e desenvolvimento*. 2022. 207 f., il. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

PAULA, T. R. M. de; LIMA MARTINS PEDERIVA, P. Me ensina a assoviar? A musicalidade da criança surda. *Diálogos Sonoros*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 1–19, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/dialogossonoros/article/view/30843. Acesso em: 10 jul. 2025.

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. *A atividade musical e a consciência da particularidade*. 2009. 205 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. et al.. EDUCAÇÃO ESTÉTICA HISTÓRICO-CULTURAL: VIVÊNCIAS ARTÍSTICAS EXPRESSIVAS E CRIADORAS. *Cadernos CEDES*, v. 44, n. 124, p. 328–339, set. 2024.

SANTOS, Ewerthon Lucas de Oliveira Lima Santos. *Música e surdez*: a Educação Musical sob perspectiva da Teoria Histórico-Cultural. Orientadora: Catarina Shin Lima de Souza. 2024. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Música) - Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Problemas da Defectologia*. Ilustração: Anna Cecília Prestes Costa; Tradução: Zoia Prestes; Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2021. 239 p. v. 1. ISBN 978-65-5891-025-1.